

## ORAÇÕES RELATIVAS EM KARITIANA<sup>1</sup>

*por Karin Camolese Vivanco (USP)*

### RESUMO

As relativas do karitiana exibem tanto características de relativas de núcleo externo (o movimento do núcleo) quanto de relativas de núcleo interno (o padrão de marcação de caso), dificultando sua classificação. Verificamos em um experimento de produção que orações relativas com núcleos não periféricos são possíveis na língua, o que nos leva a classificar as relativas do karitiana como de núcleo interno. Para acomodar a distribuição de advérbios nessas construções, propomos ainda uma análise na qual o movimento do núcleo para a periferia da oração seria uma adjunção à projeção mais alta das subordinadas (AspP).

**PALAVRAS-CHAVE:** Orações relativas, Relativas de núcleo interno, Karitiana

### RELATIVE CLAUSES IN KARITIANA

#### ABSTRACT

Karitiana relative clauses display both characteristics of externally-headed relative clauses (the head's movement) and internally-headed relative clauses (the case-marking pattern), hindering their classification. Nevertheless, it was seen in a production experiment that relative clauses with non-fronted heads are also possible in Karitiana. This property indicates that Karitiana relative clauses are truly internally-headed relatives. In order to cope with the adverbs' distribution in these constructions, an analysis in which the head's movement is considered an adjunction to the highest projection in embedded clauses (AspP) is proposed.

**KEYWORDS:** Relative clauses, Internally-headed relative clauses, Karitiana

---

1. Essa pesquisa foi realizada com financiamento da FAPESP (nº do processo 2011/15927-7).

Agradeço a colaboração de todos os informantes karitiana, pois sem a participação deles esse trabalho jamais existiria. Também gostaria de agradecer aos editores da revista e a um revisor anônimo, cujas contribuições me ajudaram a melhorar esse trabalho. Todos os erros remanescentes são de minha responsabilidade.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho se propõe a discutir a classificação e a estrutura das orações relativas em karitiana, uma língua Tupi falada no estado de Rondônia (RODRIGUES, 2002).

As orações relativas sempre despertaram um grande interesse nos estudos de sintaxe por exibirem um elemento pivô (tradicionalmente chamado de **núcleo** da relativa), que estabelece relações sintático-semânticas com elementos na oração matriz e na subordinada (DE VRIES, 2002).

Há diversos critérios de classificação possíveis para as orações relativas das línguas do mundo. Nesse trabalho, nos debruçaremos especificamente sobre uma tipologia relacionada à posição do núcleo em relação à oração subordinada em si. Esse critério distingue as chamadas **relativas de núcleo externo**, que têm o núcleo adjacente à subordinada, e as **relativas de núcleo interno**, cujos núcleos se encontram dentro da própria oração encaixada. Nosso principal objetivo será mostrar que, embora apresentem alguns comportamentos atípicos para essas construções, as orações relativas do karitiana são mais bem classificadas como relativas de núcleo interno.

Esse trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte (seções 1-3), buscaremos esclarecer o estatuto das orações relativas do karitiana frente à tipologia relativa de núcleo externo/relativa de núcleo interno. As seções de 1.1 a 1.3 serão dedicadas à explanação dessa tipologia, à discussão dos dados do karitiana e ao problema que eles colocam. Mostraremos que as relativas dessa língua apresentam tanto características de relativas de núcleo externo (núcleo na periferia) quanto de núcleo interno (marcação de caso no núcleo), dificultando sua classificação. No entanto, postularemos a partir do trabalho de Basilico (1996) que as relativas do karitiana seriam na realidade relativas de núcleo interno e que o posicionamento do núcleo na periferia da oração é uma operação opcional. Para comprovar essa hipótese, desenhamos um experimento de produção com o objetivo de fazer emergir orações relativas com núcleos em outras posições além da periferia da oração. O *design* desse experimento e seus resultados serão apresentados na seção 2. Como relativas com núcleos nessas posições foram de fato atestadas em nosso experimento, concluiremos na seção 3 que as relativas do karitiana são de fato relativas de núcleo interno.

Na segunda parte desse trabalho (seção 4), discutiremos os dados de karitiana frente às teorias sobre relativização de base gerativa e apresentaremos nossa proposta de que o deslocamento do núcleo para a periferia é uma operação de adjunção. Por fim, a seção 5 resume o artigo e aponta algumas de suas questões pendentes, como a motivação para o deslocamento interno do núcleo.

### 1.1. Relativas de núcleo externo e relativas de núcleo interno

O principal critério para classificar relativas de núcleo externo (doravante referidas como **RNE**) e relativas de núcleo interno (**RNI**) é a posição do núcleo em relação à oração encaixada. RNEs têm o núcleo adjacente à subordinada, exibindo uma configuração [ NÚCLEO [<sub>SUB</sub> ... ] ] ou [[<sub>SUB</sub> ... ] NÚCLEO]. Essa propriedade pode ser vista no exemplo do alemão abaixo, no qual o núcleo *Herrn*, ‘senhor’, aparece adjacente à oração [*der eine Pistole trägt*]:

### (1) RNE - alemão

*Ich fürchte den Herrn, [der eine Pistole trägt.]*  
1s temer(1S+PRES) DET senhor(ACUS) PRON.REL DET pistola carregar(3S+PRES)

“Eu temo o senhor que carrega uma pistola.”

(DE VRIES, 2002)

Em RNIs, o núcleo apareceria dentro da própria oração encaixada (CULY, 1990; DE VRIES, 2002). Em outras palavras, essas construções teriam uma configuração [<sub>SUB</sub> ... [NÚCLEO] ... ]. O dado de quechua de Ancash abaixo ilustra bem essa propriedade: o núcleo *bestya*, ‘cavalo’, aparece em sua posição original (*i.e.*, *in situ*) dentro da oração subordinada:

### (2) RNI – quechua de Ancash

*[nuna bestya-ta ranti-shqa-n] alli bestya-m ka-rqo-n*  
homem cavalo-ACUS comprar-PERFEITO-3 bom cavalo-EVIDENCIAL ser-PASSADO-3

“O cavalo que o homem comprou era um bom cavalo.”

(COLE, 1987)

Apesar de a posição do núcleo ser o critério principal para discriminarmos RNEs e RNIs, há outras propriedades que diferenciam esses dois tipos de construções. Uma delas é a marcação de caso no núcleo em línguas que possuem caso morfológico. Em RNEs, o núcleo aparece marcado com o caso exigido pelo verbo da matriz. Dessa forma, o núcleo é marcado com o caso acusativo referente ao verbo da matriz *fürchten* (‘temer’) no exemplo em alemão acima. Já em RNIs a morfologia de caso no núcleo estaria relacionada ao verbo dentro da oração encaixada: na sentença em (2), por exemplo, o núcleo *bestya* aparece com a marca de caso acusativo referente ao verbo encaixado ‘comprar’.<sup>2</sup>

Em resumo, apresentamos dois critérios relevantes para a classificação entre RNE e RNI: a posição do núcleo em relação à oração subordinada e a marcação de caso no núcleo. Na próxima seção, discutiremos como ambos se aplicariam às relativas do karitiana.

## 1.2. Orações relativas em Karitiana

O karitiana é a única língua remanescente da família Arikém, tronco Tupi (RODRIGUES, 2002), sendo atualmente falada por cerca de 400 pessoas concentradas em uma terra indígena homologada no município de Porto Velho – RO (STORTO & VANDER-VELDEN, 2005).

O karitiana possui um sistema de caso ergativo-abolutivo (LANDIN, 1984), detectável principalmente através da concordância verbal, que se dá com o NP abolutivo (STORTO, 1999).

A língua também possuiria uma espécie de sistema V2, no qual o verbo ocuparia a segunda posição em orações matrizes<sup>3</sup> e a última em subordinadas. Essa distribuição complementar seria derivada através do deslocamento do verbo: em orações matrizes, ele se moveria para C, originando as ordens

2. A marcação de caso, contudo, não é um critério definitivo para apartarmos RNEs e RNIs. Algumas línguas com RNEs exibem um fenômeno chamado *attractio inversa*, no qual o núcleo de uma RNE recebe o caso referente ao verbo da subordinada (veja DE VRIES (2002: 142) e as referências lá citadas). Dessa forma, podemos concluir que, embora a marcação de caso no núcleo seja bastante relevante para a tipologia RNE/RNI, ela sempre precisará ser considerada junto a outros critérios para estabelecer com exatidão se tal relativa é uma RNE ou RNI.

3. Excetuando-se sentenças no modo assertivo e/ou com verbos intransitivos, nas quais o verbo ocupa a primeira posição (STORTO, 1999).

com o verbo na segunda posição; as orações encaixadas não teriam a projeção CP<sup>4</sup> e, por conta disso, o verbo permaneceria dentro do sintagma verbal (STORTO, 1999).

Por conta do efeito V2 nas orações matrizes, a ordem *default* da língua pode ser mais facilmente detectada em orações subordinadas. SOV seria a ordem básica de constituintes (EVERETT, 2006), pois orações subordinadas com nomes próprios apresentam essa ordem na grande maioria dos casos (VIVANCO, 2014):

(3) **Ordem *default* em subordinadas**

*Yn Ø-na-aka-t i-so 'oot-Ø [Karin Ivan mĩ]-ty.*  
 1s 3-DECL-SER-NFUT PAR-VER-CON.ABS. [Karin Ivan bater]-OBL  
 ‘Eu vi a Karin bater no Ivan.’

(4) **Ordem *default* em subordinadas**

*Yn Ø-na-aka-t i-so 'oot-Ø [Ivan Karin mĩ]-ty.*  
 1s 3-DECL-SER-NFUT PAR-VER-CON.ABS. [Ivan Karin bater]-OBL  
 ‘Eu vi o Ivan bater na Karin.’

(Elicitação, abril de 2013, falante A)

Contudo, a permutação entre as ordens SOV-OSV é amplamente aceita em subordinadas com outros NPs referenciais (STORTO, 1999):

(5) **Subordinada com ordem SOV**

*[Taso boroja oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø ðwã*  
 [homem cobra matar PERF] 3-DECL-chorar-NFUT criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(6) **Subordinada com ordem OSV**

*[Boroja taso oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø ðwã*  
 [cobra homem matar PERF] 3-DECL-chorar-NFUT criança  
 ‘Quando o homem matou a cobra, a criança chorou.’

(STORTO, 1999: 121)

Apesar de marcas de concordância, modo e tempo estarem ausentes em orações subordinadas, essas construções podem apresentar morfemas aspectuais (e.g. *tykiri* em (5) e (6)). As sentenças (5) e (6) poderiam induzir o leitor a pensar que esses morfemas seriam na realidade algum tipo de elemento subordinador. No entanto, eles estão igualmente presentes em orações matrizes (STORTO, 2002, 2013), mostrando que esses elementos não são exclusivos de ambientes encaixados como complementizadores o são.<sup>5</sup>

Para Storto (1999), as subordinadas seriam projeções de AspPs por poderem apresentar esses morfemas aspectuais. Dessa forma, a estrutura de uma sentença bioracional seria a seguinte:

4. As principais evidências da ausência de C em subordinadas são (1) a ausência de complementizadores na língua e (2) a distribuição complementar da posição verbal em orações matrizes e subordinadas, que é mais bem explicada se admitirmos que as subordinadas não contêm a projeção CP.

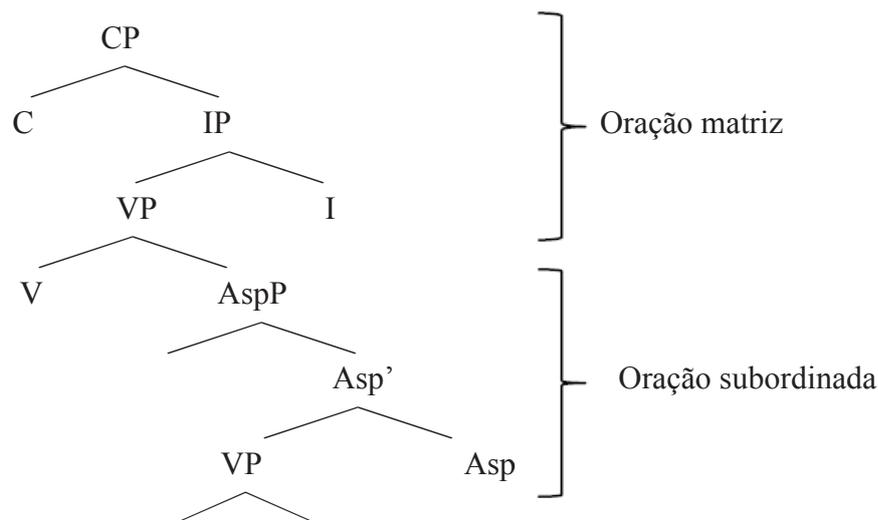
5. Esses auxiliares aspectuais podem estar igualmente presentes em orações relativas:

i. **Oração relativa com auxiliar aspectual**

*[taso Elivar ti-b-otam tyka] Ø-na-oky-t myndo*  
 [homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF] 3-DECL-matar-NFUT cótia  
 ‘O homem que o Elivar está fazendo chegar matou a cótia.’

(ROCHA, 2013)

(7) Estrutura de uma sentença bioracional (a partir de Storto (1999))



De acordo com Storto (1999), o núcleo das relativas do karitiana estaria sempre na periferia da oração. Assim, relativas cujos núcleos são o sujeito da oração encaixada (também chamadas de **relativas de sujeito**) teriam sempre a ordem SOV:

(8) Ordem SOV em relativa de sujeito

<i>Yn</i>	<i>Ø-na-aka-t</i>	<i>i-so 'oot-Ø</i>	<i>[taso</i>	<i>õwa</i>	<i>mĩ]-ty</i>
1s	3-DECL-SER-NFUT	PAR-VER-CON.ABS.	homem	criança	bater-OBL

“Eu vi o homem que bateu na criança.”

(STORTO, 1999:133)

Relativas cujos núcleos são objeto da oração encaixada (as **relativas de objeto**) seriam OStiV<sup>6</sup> - ou seja, teriam a ordem de constituintes OSV e um verbo marcado com o morfema de foco não declarativo {ti-}<sup>7</sup>:

6. Dados com essa mesma configuração foram também atestados por Everett (2006: 383).

7. O morfema {ti-} é chamado por Landin (1984) de topicalizador. Em karitiana, ele também está presente em outros contextos de deslocamento do objeto como construções de foco do objeto e perguntas qu- de objeto (STORTO, 1999):

ii. Pergunta qu- de objeto

<i>Mora-mon</i>	<i>taso</i>	<i>ti-oky-t?</i>
qu-int.cop.	homem	cfo.par-matar-con.abs.

“O que é que o homem matou?”

(STORTO, 1999: 137)

iii. Construção de foco não declarativo

<i>'Ep</i>	<i>i-ti-pasagngã-t</i>	<i>João.</i>
árvore	3-cfo-contar-nfut	João

“Árvores, o João está contando.”

(STORTO, 1999: 164)

Esse morfema é cognato em outras línguas Tupi, como mekéns e karo (STORTO, 2005) Em mekéns, esse morfema também marca orações relativas, muito embora Galúcio (2006) mostre que ele não é exclusivo de orações relativas de objeto.

(9) **Ordem OStiV em relativa de objeto**

*Yn Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø [õwa taso ti-mĩ]-ty*  
1s 3-DECL-ser-NFUT PAR-ver-CON.ABS. criança homem CFO-bater-OBL

“Eu vi a criança que o homem bateu.”

(STORTO, 1999:132)

Dado que a ordem *default* de constituintes seria SOV, podemos dizer que ao menos as relativas de objeto têm o núcleo deslocado para a periferia da oração. A distribuição de advérbios é outro diagnóstico desse movimento: enquanto em subordinadas não relativas a única posição lícita para advérbios é [ADV [<sub>SUB</sub> ...]], nas relativas de objeto a ordem [NÚCLEO ADV [<sub>SUB</sub> ...]] é permitida:

(10) **Relativa de objeto com a ordem OAdvSV**

*Y-py-so'oot-on yn [sosy mynda ajxa ti-oky]-ty*  
1-ASS-ver-NFUT 1s tatu devagar 2p CFO-matar]-OBL

“Eu vi o tatu que vocês mataram devagar”

(STORTO, 1999: 130)

Esse fato nos indica que o núcleo se moveu além da projeção à qual o advérbio se adjunge (presumivelmente VP).

A posição típica de núcleos de RNEs é na periferia da oração encaixada (veja exemplo (1)). Assim, a configuração das orações relativas em karitiana, que têm o núcleo precedendo a subordinada como em (8)-(10), é bastante similar à estrutura de RNEs. Contudo, outras propriedades aproximariam as relativas do karitiana de RNIs. Especificamente, a marcação de caso no núcleo da relativa é similar ao padrão das RNIs, pois o NP relativizado aparece com o morfema de caso exigido pelo verbo dentro da subordinada (STORTO, 1999). A título de exemplo, considere o padrão de subcategorização dos verbos envolvidos nas relativas (8) e (9). O verbo da matriz *so'oot* (‘ver’) exige que seu argumento interno esteja marcado com o morfema de oblíquo {-ty}, enquanto um argumento interno do verbo *mĩ*, emerge sem nenhuma morfologia:

(11) **Verbo *so'oot***

*Õwã Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø pikom-ty.*  
criança 3-DECL-ser-NFUT PAR-ver-CON.ABS macaco-OBL

“A criança viu o macaco.”

(ROCHA, 2011: 80)

(12) **Verbo *mĩ***

*Taso Ø-naka-mĩ-t ombaky by'edna.*  
homem 3-DECL-bater-NFUT cachorro

“O homem bateu no cachorro.”

(ROCHA, 2011: 212)

Como o leitor pode verificar nos exemplos (8) e (9), os núcleos *taso* e *õwa* não apresentam o morfema de oblíquo {-ty} – ele, na realidade, aparece marcando a oração inteira. Esses núcleos não exibem nenhum morfema de caso, um comportamento similar ao objeto *ombaky by'edna* em (12). Dessa forma, podemos dizer que a marcação de caso no núcleo está relacionada ao verbo da oração encaixada *mĩ*, sendo esse o padrão de marcação de caso típico de RNIs. Considerando esses dados, Storto (1999) conclui que essas relativas seriam RNIs.

As relativas do karitiana teriam concomitantemente características de RNEs e RNIs: por um lado, o núcleo na periferia da oração é característico de RNEs; por outro, a marcação de caso segue o padrão das RNIs. Dentro desse quadro, será preciso então estabelecer em qual categoria tipológica as relativas do karitiana se encaixariam através de critérios adicionais.<sup>8</sup>

### 1.3. Problema e hipótese de trabalho

Diversas línguas do mundo têm RNIs com o núcleo opcionalmente deslocado (BASILICO, 1996; BODOMO & HIRAIWA, 2010). Basilico (1996) aponta que muitos desses casos revolvem acerca de uma ambiguidade frequente em muitas RNIs: como nessas construções o núcleo aparece tipicamente *in situ*, certas RNIs podem ser ambíguas quanto ao elemento relativizado.<sup>9</sup> Esse é o caso da sentença (13) em mojavé, que é ambígua entre uma interpretação de relativa com o núcleo *masahay* ('garota) ou de relativa com o núcleo *ahvay* ('vestido'). Como o leitor pode verificar em (14), a frontalização de um dos constituintes inibe essa ambiguidade: quando *ahvay* é deslocado para a periferia esquerda, a sentença só pode significar "o vestido que eu dei pra garota é legal":

#### (13) Relativa com núcleo *in situ* - mojavé

[*Masahay ahvay ʔ-ay-nY-c*]                      *ʔahot-m*  
 garota            vestido    1-dar-DEM-SUBJ                      bom-TNS

"A garota para quem eu dei o vestido é legal"

"O vestido que eu dei para a garota é legal."

#### (14) Relativa com o núcleo frontalizado - mojavé

[*Ahvay masahay ʔ-ay-nY-c*]                      *ʔahot-m*  
 vestido    garota            1-dar-DEM-SUBJ                      bom-TNS

"O vestido que eu dei para a garota é legal."

(MUNRO, 1976: 198)

8. Um problema similar parece emergir para as relativas de sujeito em mekéns:

#### iv. Relativa de sujeito em mekéns

*ameko*            *aose*            *sogo*            *se-er-a*            *naat*            *top*  
 cachorro/onça    homem    morder    3c-dormir-VT    ?cop            Aux+deitado+pres

"O cachorro que mordeu o homem está dormindo."

(GALÚCIO, 2006: 52)

Segundo Galúcio (2006), uma relativa como (iv) pode ser analisada tanto quanto uma relativa cortadora quanto uma relativa de núcleo interno. As relativas cortadoras teriam um elemento nulo (normalmente um sintagma preposicional) correferente ao núcleo externo da oração matriz (e.g., 'O carro que o pneu murchou.'). Como relativas cortadoras são essencialmente de núcleo externo, o problema de mekéns pode também ser entendido como uma impossibilidade de estabelecer se uma relativa em (iv) é uma RNE com um elemento nulo correferente ao núcleo externo ou uma RNI.

9. Além desse tipo de ambiguidade, em muitas línguas as orações subordinadas também são ambíguas entre uma interpretação como complemento factivo ("o fato/ a ideia de que...") e uma RNI. Como veremos no dado (16), as orações relativas do karitiana apresentam essa característica.

A título exemplo, algumas das línguas nas quais esses dois tipos de ambiguidade (do elemento relativizado e/ou da interpretação da subordinada) foram reportadas são: quechua de Huallaga-Huanuco (WEBER, 1989 *apud* CULY, 1990: 67), diegueño (GORBET, 1976), mòoré (TELLIER, 1989, *apud* BASILICO, 1996) e, no caso das línguas indígenas brasileiras, o gavião de Rondônia (MOORE, 2006:141) e o me'bengokre (SALANOVA, 2011: 55).

Um dos argumentos de que construções como (14) são RNIs reside na natureza da operação de frontalização (BASILICO, 1996).<sup>10</sup> Como vimos no par de exemplos (13-14), a língua mojavé não exige que o núcleo da relativa esteja na periferia da oração para que essa construção seja bem formada. Na realidade, ela é apenas uma estratégia de desambiguação. Em RNEs, pelo contrário, a presença do núcleo em uma posição adjacente à oração relativa tem caráter obrigatório. Assim, RNEs não têm equivalentes com o núcleo *in situ* como (14):

(15) **RNE com o núcleo *in situ* – português**

\*O João lavou que eu comprei o carro.<sup>11</sup>

[cf. ‘O João lavou o carro que eu comprei.’]

Nossa hipótese de trabalho é de que as orações relativas do karitiana seriam também RNIs com deslocamento opcional do núcleo. Se for esse o caso, relativas com núcleos ocupando outras posições além da periferia da oração (equivalentes a (13)) serão então possíveis na língua.

Desenvolvendo essa ideia adiante, poderíamos pensar que o fato de a literatura anterior ter apenas detectado relativas com núcleos frontalizados estaria relacionado a uma preferência do falante por oferecer a versão menos ambígua em sua língua nas sessões de elicitación. Essa hipótese pode ser reforçada se considerarmos algumas propriedades do karitiana: foi amplamente observado que certas subordinadas são ambíguas entre uma interpretação como complemento factivo (“o fato/ a ideia de que...”) e uma oração relativa (STORTO, 1999):

(16) **Oração subordinada ambígua**

<i>Yn</i>	<i>Ø-na-aka-t</i>	<i>i-so'oot-Ø</i>	<i>[taso</i>	<i>õwa</i>	<i>mĩ]-ty</i>	
1s	3-DECL-SER-NFUT	PAR-VER-CON.ABS.	homem	criança	bater-OBL	
	“Eu vi o homem que machucou a criança.”					(oração relativa)
	“Eu vi o homem machucar a criança.”					(complemento factivo)

(STORTO, 1999:133)

Essa ambiguidade emerge principalmente com sentenças fora de contexto e/ou com predicados específicos (normalmente verbos de percepção). Em outros ambientes, a interpretação pretendida da subordinada é frequentemente desambiguada através de informações contextuais e/ou propriedades lexicais do verbo da matriz (por exemplo, se trocássemos o verbo ‘ver’ por ‘casar’ em (16)). Apesar dos contextos de elicitación terem sido controlados pelos pesquisadores que coletaram esses dados, pode ser que as potenciais ambiguidades dessas construções tenham ainda assim levado os informantes a posicionar o núcleo na periferia da oração para explicitá-lo.

10. Basilico (1996) explora ainda outros dois argumentos para afirmar que essas relativas seriam realmente RNIs. Um deles seria o fato de que, em algumas dessas línguas, a frontalização do núcleo pode se dar para uma posição intermediária, algo proibido em RNEs (nelas, a frontalização tem que ser total). O outro argumento diz respeito ao fato de muitas das relativas em questão respeitarem restrições típicas de RNIs, tal como a indefinidade do núcleo (WILLIAMSON, 1987): o núcleo não pode estar marcado com artigos definidos em muitas dessas relativas, uma restrição similar à encontrada em outros tipos de RNIs descritas na literatura.

11. Para a exemplificação, colocamos o determinante junto com o NP ‘carro’. Contudo, o leitor deve ter em mente que, em muitas das teorias sobre orações relativas (veja seção 4), o determinante não forma um constituinte com o NP relativizado.

Uma forma de testar nossa hipótese de que as orações relativas do karitiana são RNIs com movimento opcional do núcleo é verificar se essas relativas com núcleos não periféricos são de fato possíveis na língua. Para tanto, foi preciso criar um contexto de enunciação não ambíguo, que propiciasse o surgimento dessas construções. Na próxima seção, apresentaremos o *design* do experimento de produção que conduzimos para coletar esses dados.

## 2. METODOLOGIA E RESULTADOS

### 2.1. *Design* do experimento

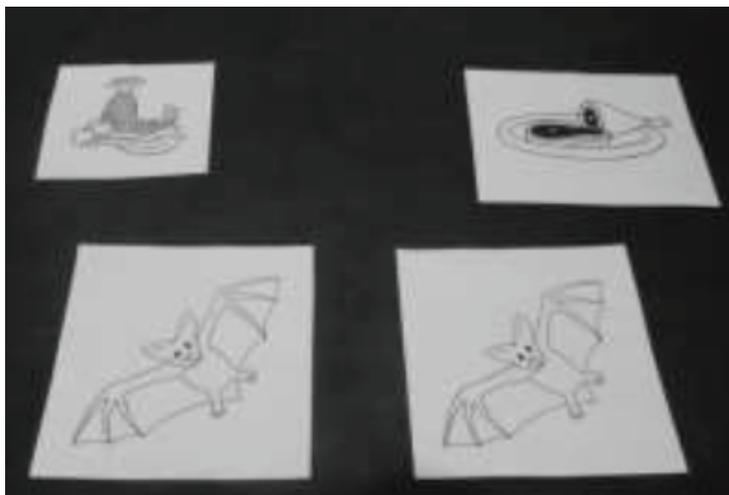
Nosso experimento de produção foi baseado em um trabalho de aquisição de orações relativas desenvolvido por Labelle (1990) para o francês canadense infantil. Além disso, incluímos também algumas modificações feitas por Vivanco & Pires (2012) para o português brasileiro.

Nesse experimento, duas figuras idênticas eram apresentadas ao falante. Essas figuras estavam sempre envolvidas em uma ação com outro personagem/objeto e a única forma de diferenciá-las era através desse outro elemento. A tarefa do falante era a de escolher uma das duas figuras idênticas e, em seguida, dizer ao pesquisador qual fora a escolhida.

Criamos dez contextos propícios para a produção de uma relativa de sujeito e outros dez para relativas de objeto. No primeiro caso, as duas figuras idênticas executavam a ação e, no segundo, eram alvos dela:

#### (17) Exemplo de contexto propício para relativa de sujeito

Pesquisador: Aqui temos dois morcegos. Este morcego aqui comeu as frutas e este outro aqui comeu a carne. Escolhe um dos morcegos.



**Figura 1:** Contexto propício para relativa de sujeito

(18) **Exemplo de contexto propício para relativa de objeto**

Pesquisador: Aqui temos duas roupas. Esta roupa aqui, a Ana costurou. Esta outra aqui, a Luciana costurou. Escolhe uma das duas roupas.

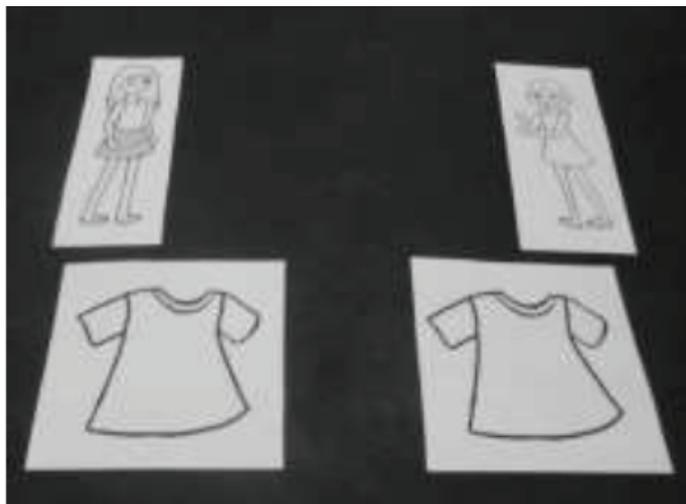


Figura 2: Contexto propício para relativa de objeto

**2.2. Resultados**

O experimento foi aplicado em quatorze sujeitos (indicados pelas iniciais A, B, C, D, E, H, I, J, K, L, M, N, R e S). Em contextos de relativas de sujeito, foram produzidas duas ordens de constituintes: SOV e OSV.<sup>12</sup>

(19) **Relativa de sujeito com ordem SOV – sujeito K**

*Yn Ø-na-aka-t i-pyting-Ø [taso him by-hip<i>]-ty.*  
1s 3-DECL-COP-NFUT PAR-querer-CON.ABS. [homem carne CAUS-cozinhar<v.e.> -OBL  
‘Eu quero o homem que cozinhou a carne.’

(20) **Relativa de sujeito com ordem OSV – sujeito A**

*Yn Ø-na-aka-t i-pyting-Ø [opi ãonso by-’it<i>]-ty.*  
1s 3-DECL-COP-NFUT PAR-querer-CON.ABS. [brinco mulher CAUS-fazer-<v.e.>]-OBL  
‘Eu quero a mulher que fez o brinco.’

A ordem SOV já fora previamente detectada na literatura sobre o karitiana (veja (8)). Relativas de sujeito OSV, contudo, não tinham sido atestadas em trabalhos anteriores sobre a língua.

Tivemos uma maior diversidade nos contextos de relativas de objeto, pois neles foram produzidas quatro tipos de estruturas: OStiV, SOTiV, SOV e OSV.<sup>13</sup> Apenas as ordens OStiV e SOTiV contém o morfema de foco do objeto {-ti}:

12. No total, foram produzidas 115 orações relativas de sujeito, 97 com a ordem SOV e 18 com a ordem OSV.

13. A distribuição das ordens produzidas é a seguinte: 54 relativas de objeto com a ordem OStiV, 22 com a ordem SOTiV, 22 com a ordem SOV e 5 com a ordem OSV, totalizando 103 relativas de objeto.

(21) **Relativa de objeto OStiV – sujeito I**

*Yn* Ø-na-aka-t      i-pyting-Ø      [gijo    Luciana    ti-tak<a>]-ty.  
1s    3-DECL-COP-NFUT    PAR-querer-CON.ABS.    [milho    Luciana    CFO-pilar<v.e.>-OBL  
‘Eu quero o milho que a Luciana pilou.’

(22) **Relativa de objeto SOtiV – sujeito C**

*Yn* Ø-na-aka-t      i-pyting-Ø      [Ana    pykyp    ti-pipãram<a>]-ty.  
1s    3-DECL-COP-NFUT    PAR-querer-CON.ABS.    [Ana    roupa    CFO-costurar<v.e.>-OBL  
‘Eu quero a roupa que a Ana costurou.’

(23) **Relativa de objeto SOV – sujeito H**

*Yn* Ø-na-aka-t      i-pyting-Ø      [Ana    gok      amang<a>]-ty.  
1s    3-DECL-COP-NFUT    PAR-querer-CON.ABS.    [Ana    mandioca    plantar<v.e.>-OBL  
‘Eu quero a mandioca que a Ana plantou.’

(24) **Relativa de objeto OSV – sujeito L**

*Yn* Ø-na-aka-t      i-pyting-Ø      [ambi    taso      by- 'a]-ty.  
1s    3-DECL-COP-NFUT    PAR-querer-CON.ABS.    [casa    homem    CAUS-fazer]-OBL  
‘Eu quero a casa que o homem construiu.’

Dessas quatro ordens de constituintes, apenas OStiV fora atestada anteriormente (veja (9)).

### 3. RELATIVAS DO KARITIANA SÃO RNIS

Como observado na seção 1.3, as RNEs jamais têm núcleos não adjacentes à oração subordinada. Dessa forma, propusemos testar nossa hipótese ao investigar se relativas com núcleos em outras posições além da periferia seriam possíveis na língua.

Esse tipo de construção foi de fato atestada em nosso experimento de produção: obtivemos dados de relativas de sujeito OSV (dado (20)) e de relativas de objeto SOtiV e SOV ((22) e (23)). Como núcleos nessas posições seriam proibidos em RNEs, podemos afirmar que, assim como acontece em mojavé e nas outras línguas discutidas por Basilico (1996), as relativas do karitiana seriam realmente RNIs. O posicionamento do núcleo na periferia da oração encaixada seria então opcional, *i.e.*, ele não seria uma condição essencial para a boa formação das relativas nessa língua.

Um argumento adicional de que essa análise estaria correta reside em dados como (25) abaixo, no qual o núcleo *taso* não está localizado na periferia da oração. Na realidade, essa posição é ocupada pelo sintagma posposicionado ‘*ep ohynt* (“no topo da árvore”):

(25) **Relativa de objeto com núcleo em posição não periférica**

Ivan Ø-na-aka-t i-amy-t [martelo-pip gooj Inácio ti-hãraḵxa]-ty  
Ivan 3-DECL-ser-NFUT PAR-comprar-CON.ABS. c[martelo-com canoa Inácio CFO-consertar]-OBL  
“Ivan comprou a canoa que o Inácio consertou com o martelo.”

(Elicitação, dezembro de 2014, falante R)

Esse exemplo, em conjunto com os dados atestados em nosso experimento, mostra que o núcleo das relativas do karitiana pode ocupar posições atípicas para RNEs, indicando que essas construções são mais bem classificadas como RNIs. Essa conclusão confirma o que foi inicialmente observado por Stor- to (1999), mas os dados e a argumentação aqui apresentada dão mais sustentação à proposta da autora.

Em resumo, afirmamos que todas as relativas do karitiana (inclusive aquelas que têm o núcleo na pe- riferia da oração) seriam RNIs. Assim, o deslocamento do núcleo, visível principalmente em relativas de objeto OSTiV como (9), teria que ocorrer para uma posição interna à oração relativa.<sup>14</sup> Seguindo a sugestão de Basilico (1996), propomos que esse movimento seria uma espécie de *scrambling*, um fenômeno presente em algumas línguas germânicas no qual um objeto pode se deslocar para fora do sintagma verbal:

(26) **Objeto sem scrambling – alemão**

[<sub>CP</sub>... daß [<sub>IP</sub> Otto immer [<sub>VP</sub> [Bücher über Wombats] liest.]]]  
que Otto sempre livros sobre vombates lê.

(27) **Objeto com scrambling – alemão**

[<sub>CP</sub>... daß [<sub>IP</sub> Otto [Bücher über Wombats] immer [<sub>VP</sub> liest.]]]  
que Otto livros sobre vombates sempre lê

(DIESING, 1992: 107)

O *scrambling* tem algumas propriedades parecidas com o deslocamento do núcleo nas relativas do karitiana. Em especial, ele não é uma operação obrigatória para a gramaticalidade das orações, algo similar ao que observamos para as relativas do karitiana. Na próxima seção, explicitaremos essa ideia ao propor estruturas sintáticas para as ordens de constituintes atestadas em nosso experimento.

#### 4. PROPOSTA DE ANÁLISE

Concluimos na seção anterior que as orações relativas do karitiana seriam mais bem classificadas como RNIs. Contudo, é preciso ainda determinar com exatidão a natureza da posição que o núcleo ocupa na periferia da oração.

Como dissemos anteriormente, o núcleo adjacente à subordinada é resultado de um movimento sin- tático que tem como base a ordem SOV e que seria análogo ao *scrambling* germânico. Nessa seção, buscaremos explicitar a natureza dessa operação dentro do arcabouço teórico da gramática gerativa.

14. Nossa conclusão é similar ao trabalho de Salanova (2011) sobre o me'bengokre: ao analisar orações relativas com o núcleo deslo- cado para a periferia esquerda da oração, o autor conclui que essas construções seriam variantes das RNIs existentes na língua e não RNEs. Para os casos em que o núcleo aparece deslocado, o autor propõe alguma espécie de deslocamento de foco dentro da própria RNI, algo similar ao que defendemos aqui.

Primeiramente, vamos examinar as principais teorias sobre relativização e avaliar se a operação de movimento proposta por elas pode ser estendida ao karitiana. Em seguida, apresentaremos a análise de que o núcleo (quando deslocado) seria um adjunto de AspP, a projeção mais alta das subordinadas.

#### 4.1. Teorias sobre relativização

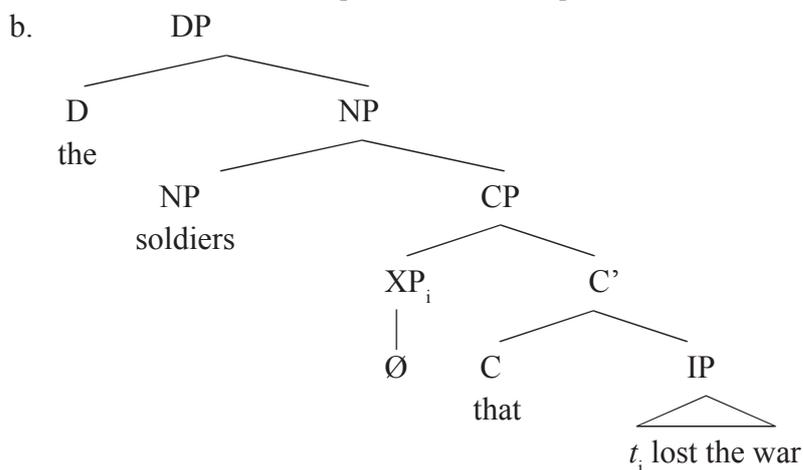
Como apontado no começo desse trabalho, a característica que diferencia as relativas de outras orações encaixadas é o fato de elas apresentarem um sintagma nominal pivô que estabelece relações sintático-semânticas com elementos da matriz e da subordinada. Por conta disso, o principal desafio que as teorias sintáticas têm é representar estruturalmente esse papel duplo que o núcleo apresenta.

Dentro da literatura gerativa, diversas hipóteses foram e têm sido aventadas para lidar com essa questão. É importante pontuar que não vamos revisar aqui a argumentação que fundamenta ou contesta cada proposta, pois nosso objetivo principal não é defender a adoção de uma em detrimento de outra. O propósito dessa revisão é, além de situar o leitor em um debate mais geral sobre a relativização, nos apoiar nessas teorias para começarmos a delinear a estrutura das orações relativas com deslocamento do núcleo.

Podemos distinguir duas grandes vertentes na literatura gerativa sobre relativização: uma delas consideraria que o núcleo da relativa seria externo à subordinada, enquanto a outra propõe que ele se encontraria dentro da própria oração encaixada. A principal representante do primeiro grupo é aquela que ficou conhecida posteriormente como **análise tradicional**: em sua versão mais difundida, a oração relativa seria um adjunto do NP relativizado (CHOMSKY, 1977) e a oração encaixada conteria ou um pronome relativo ou um operador nulo (em relativas encabeçadas por *that* no inglês) correferente ao núcleo externo. Esse pronome ou operador nulo, por sua vez, se moveria para Spec, CP.:

#### (28) **Análise tradicional das orações relativas**

a. *I saw the **soldiers** [that lost the war].*



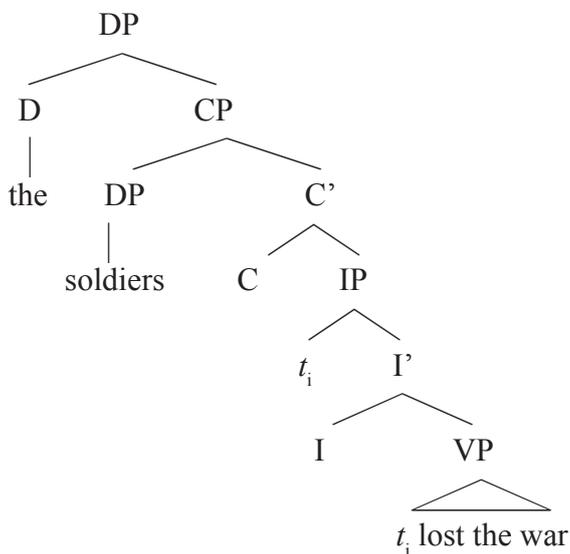
Essa teoria foi revitalizada e modificada por Hulsey & Sauerland (2006) em uma análise que foi chamada de estrutura de equivalência (*matching structure*). Nela, o operador nulo em (28b) é substituído por um NP elidido, similar ao núcleo *soldiers*.

A outra vertente, composta por teorias que ficaram conhecidas como **análise de alçamento**, entende que o núcleo da relativa se encontra dentro da própria oração encaixada. Em sua versão mais difundida, o núcleo é gerado dentro do sintagma verbal subordinado e se move posteriormente para Spec, CP (KAYNE, 1994):

(29) **Estrutura na análise de alçamento (adaptado de Kayne (1994))**

a. *I saw the [soldiers that lost the war].*

b.

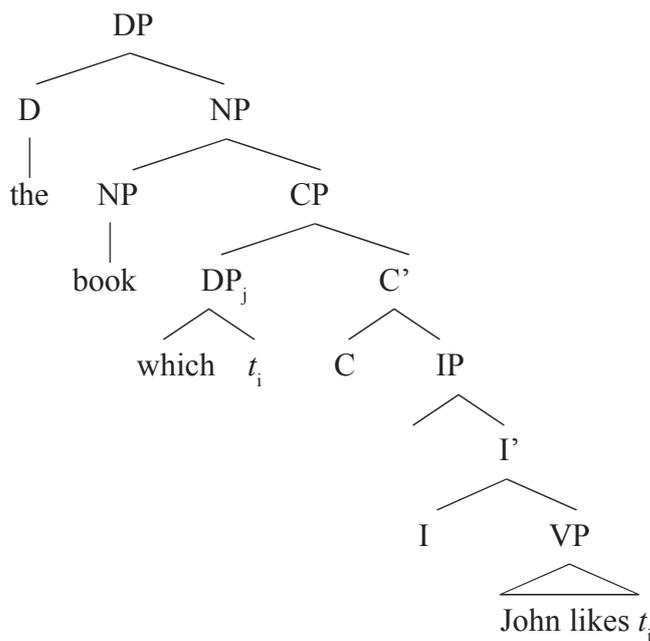


Husley & Sauerland (2006) defendem que tanto a estrutura de equivalência quanto a de alçamento são necessárias para explicar diversos fatos das línguas. Outros autores, como Bhatt (2002), concebem uma estrutura híbrida, que mescla aspectos da análise tradicional (o núcleo externo) e da de alçamento (o núcleo gerado dentro da subordinada):

(30) **Estrutura na análise híbrida de Bhatt (2002)**

a. *The book which John likes.*

b.



É importante pontuar que, embora nas análises em (29) e (30) o núcleo ocupe posições diferentes no final da derivação, nos dois casos é sempre indispensável para a boa formação dessas construções que o núcleo se mova para a periferia da oração.<sup>15</sup>

Como em RNIs o núcleo aparece dentro da oração encaixada, essas construções dificilmente podem ser explicadas pela análise tradicional e suas variantes sem mecanismos adicionais. Para acomodar as RNIs em estruturas como (28), autores como Cole (1987) e Williamson (1987) propuseram uma espécie de núcleo vazio em estrutura-D/S para o qual o núcleo interno se moveria cobertamente em LF. Em outras palavras, nas RNIs o núcleo permaneceria *in situ* até o momento da derivação em que a estrutura é enviada às interfaces LF e PF. Essa proposta seria similar ao tratamento das análises de açamento para as RNIs: como o núcleo dessas construções estaria dentro da relativa, as RNIs seriam a contraparte das RNEs em (29) e (30) sem o movimento do núcleo (DE VRIES, 2006).

Em relação às orações relativas do karitiana com núcleos em suas posições de base (*i.e.*, relativas de sujeito SOV e de objeto SOV), podemos supor que, nesses casos, o núcleo estaria de fato *in situ*. Contudo, o que dizer daquelas relativas em que o núcleo aparece na periferia da oração, como as relativas de objeto OS*t*iV? Na seção 3, afirmamos que essas construções seriam RNIs devido ao caráter opcional do movimento. Afirmamos também que esse deslocamento do núcleo para a periferia seria um movimento interno à oração, análogo ao *scrambling* das línguas germânicas.

Como o deslocamento para a periferia esquerda tem caráter obrigatório nas estruturas (29) e (30), presumivelmente o movimento proposto por essas teorias e aquele que observamos em relativas do karitiana não seriam da mesma natureza. Em última instância, isso significaria que, no karitiana, um núcleo na periferia da oração não poderia nem estar em Spec, CP em (29) e (30)<sup>16</sup> e nem ser um adjunto de CP em (30), posições essas reservadas a núcleos de RNEs.

Em resumo, o deslocamento do núcleo encontrado nas relativas do karitiana não é similar ao movimento proposto pelas teorias expostas aqui e, por isso, ele exigirá uma explicação alternativa.

#### 4.2. Movimento do núcleo como adjunção a AspP

Seguindo uma sugestão de Basilico (1996), vamos propor que o núcleo se adjunge a AspP em relativas de sujeito SOV e em relativas de objeto OS*t*iV.<sup>17</sup> No caso das relativas de objeto SOT*i*V, assumiremos que o deslocamento do núcleo tem de ocorrer internamente ao sintagma verbal por conta da distribuição de advérbios. As ordens remanescentes (relativas de sujeito OSV e relativas de objeto

15. Desde o trabalho de Chomsky (1977), que demonstrou que as orações relativas do inglês envolvem movimento *qu-*, assume-se que esse o núcleo se move para checar um traço *qu-*.

16. Da mesma forma, podemos rejeitar uma proposta na linha de Bodomo & Hiraiwa (2010) para as relativas do karitiana. Em seu trabalho, os autores discutem as relativas da língua daagare, que também seriam RNIs apesar de terem o núcleo na periferia da oração. Partindo da proposta de Bhatt (2002) em (30), eles propõem que as relativas dessa língua envolveriam movimento do núcleo para Spec, CP. Em daagare, contudo, o deslocamento do núcleo é obrigatório, o que distancia as construções dessa língua das relativas do karitiana em discussão.

17. Na análise de Storto (1999), o núcleo se moveria para Spec, AspP. Essa análise, contudo, teria problemas para derivar algumas ordens de constituintes atestadas em nosso experimento. Uma relativa de objeto SOT*i*V, por exemplo, precisaria envolver movimento do sujeito além do núcleo-objeto em Spec, AspP. Essa modificação, contudo, prevê que relativas de objeto com a ordem SO[adv]t*i*V sejam gramaticais, pois o advérbio poderia estar licitamente adjungido ao sintagma verbal. Como o leitor pode verificar no dado (36) abaixo, relativas com essa ordem de constituintes são agramaticais.

OSV e SOV) teriam todas o núcleo *in situ*, muito embora algumas delas sofram alterações de ordem no componente fonológico.

#### 4.2.1. Relativas de sujeito

Em relativas de sujeito, o deslocamento do núcleo pode ser detectado através do uso de advérbios:

(31) **Ordem SAdvOV em relativas de sujeito**

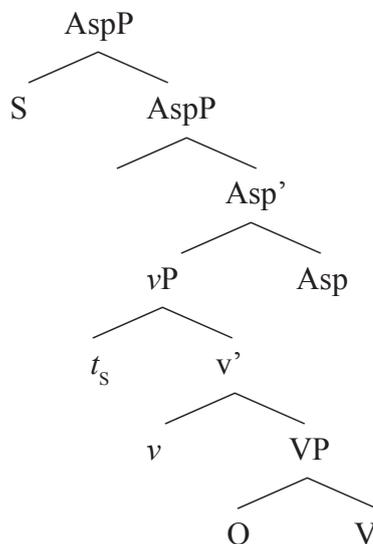
<i>Ivan</i>	<i>Ø-na-aka-t</i>	<i>i-sooǰ&lt;a&gt;-t</i>	<i>[Jonso</i>	<i>aso aso-t</i>
Ivan	3-DECL-cópula-NFUT	PAR-casar<v.t.>-CON.ABS.	[mulher	rápido-ADV
	<i>opi</i>	<i>by- 'it&lt;i&gt;]-ty.</i>		
	brinco	CAUS-fazer<v.e.>-OBL		

“Ivan casou com a mulher que faz brinco rápido.”

(Elicitação, fevereiro de 2014, falante S)

A gramática gerativa entende a relação de um advérbio com o sintagma modificado de modo similar a de um adjetivo com o sintagma nominal – em outras palavras, uma adjunção. Assim, assumiu-se desde trabalhos como Jackendoff (1972) que advérbios que modificam o predicado verbal (como os advérbios de maneira) seriam então adjungidos ao sintagma verbal (vP). Como a adjunção entre o núcleo-sujeito e o objeto é gramatical em (31), podemos concluir que o núcleo se moveu acima do vP, o locus de adjunção do advérbio de maneira. Propomos então que ele se adjunge à projeção máxima das subordinadas, AspP em casos como (31):

(32) **Estrutura para relativa de sujeito SOV (dado (19))**



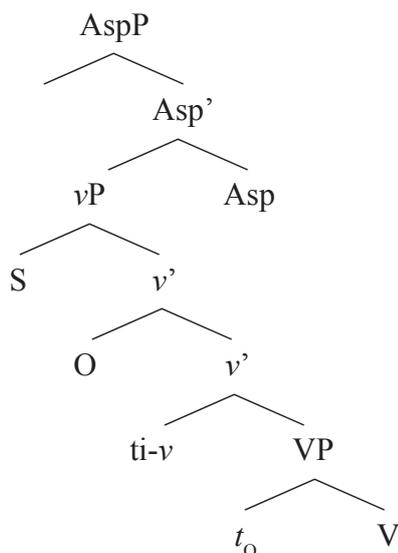
Sobre a ordem OSV em relativas de sujeito, preferimos tratá-la como uma instância da variação mais geral SOV/OSV, detectada em subordinadas adverbiais (cf. seção 1.2). Storto (1999) assume que a alteração de ordem de palavras nas orações adverbiais é uma operação do componente fonológico, especialmente porque ela parece estar condicionada à formalidade/coloquialidade da situação de

enunciação. Como essa alteração de ordem já seria um mecanismo presente em outras construções da língua, estendemos a proposta da autora ao assumir que a frontalização do objeto em relativas de sujeito OSV ocorreria em um componente fonológico tendo como *input* a ordem-base SOV.

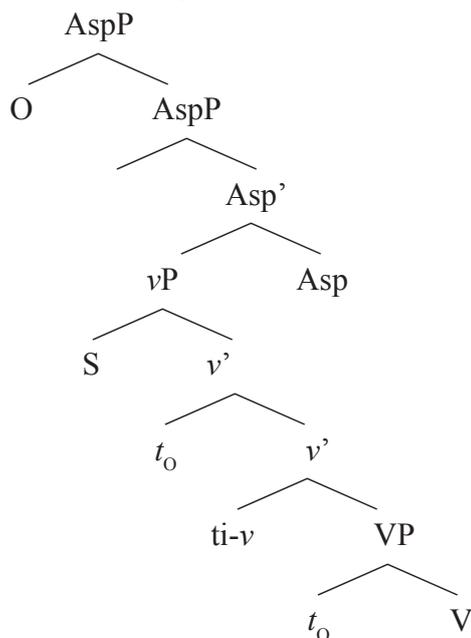
#### 4.2.2. Relativas de objeto

No caso das relativas de objeto, vamos propor que o movimento do núcleo para a periferia da oração ocorreria em duas etapas. Primeiramente, o núcleo se moveria de sua posição original para Spec, *v*P e o verbo seria marcado com o morfema {*ti-*} para indicar esse deslocamento. Se o núcleo permanecer em Spec, *v*P, o resultado será uma relativa de objeto com a ordem SO*ti*V; se o núcleo se mover além até a posição de adjunto de AspP, o resultado será uma relativa de objeto OST*ti*V.

#### (33) Estrutura para relativa de objeto SO*ti*V (dado (22))



#### (34) Estrutura para relativa de objeto OST*ti*V (dado (21))



As estruturas (33) e (34) fazem previsões corretas acerca da distribuição de adjuntos nessas construções. Assumindo a adjunção a vP para os advérbios de maneira, as ordens SO[ADV]tiV e OS[ADV]tiV são preditas como agramaticais pelas estruturas (33) e (34), pois em ambos os casos os advérbios de maneira teriam que estar adjungidos dentro do sintagma verbal. De fato, isso é o que se verifica em nossos dados:

(35) **Ordem \*OSAdvtiV**

\**Y-py-so 'oot-on yn [sosy ajxa mynda ti-oky]-ty*  
 1-ASS-VER-NFUT 1s [tatu 2p devagar CFO-matar]-OBL

(STORTO, 1999: 135)

(36) **Ordem \*SOAdvtiV**

\**Ivan Ø-na-aka-t i-amy-t [Inácio gooj*  
 Ivan 3-DEC-cópula-NFUT PAR-comprar-CON.ABS. [Inácio canoa/carro  
*aso aso-t ti-hãraãxa]-ty*  
 rápido-ADVZ OFC-consertar-OBL

(Elicitação, novembro de 2013, falante E)

Além disso, a estrutura (34) consegue ainda acomodar a gramaticalidade de relativas de objeto com a ordem O[ADV]StiV, pois um advérbio poderia estar licitamente adjungido ao vP nesses casos.

Quanto à ordem SOV em relativas de objeto, vamos tratá-la como uma RNI com o núcleo *in situ*. Em outras palavras, essas construções seriam equivalentes às sentenças (2) e (13) em quechua de Ancash e mojava. Essa análise é bastante plausível dada a ordem *default* SOV da língua (veja seção 1.2); dessa forma, nas relativas SOV todos os NPs (incluindo o núcleo) permaneceriam dentro do vP.

Finalmente, propomos para as relativas de objeto OSV uma análise semelhante às relativas de sujeito OSV: essa ordem de constituintes seria uma alteração no componente fonológico da ordem-base SOV. Como dissemos anteriormente, a variação SOV/OSV já foi detectada em subordinadas não relativas; dessa forma, é esperado que esse mecanismo de alteração de ordem afete igualmente as subordinadas relativas.

## 5. RESUMO E QUESTÕES ADICIONAIS

As relativas do karitiana colocavam um desafio à tipologia RNE-RNI por apresentarem concomitantemente características de ambas as classes: por um lado, o núcleo aparecia sempre deslocado para a periferia esquerda; por outro, a marcação de caso seguia um padrão similar ao de RNIs. A partir do exame de RNIs atípicas, hipotetizamos que as relativas do karitiana seriam RNIs com deslocamento opcional do núcleo. Caso essa proposta estivesse correta, relativas com núcleos não frontalizados seriam então possíveis na língua.

Elaboramos então um experimento de produção com o objetivo de fazer emergir possíveis relativas com núcleos não periféricos. Esse tipo de estrutura foi de fato atestado em nosso teste, uma vez que

obtivemos dados de relativas de sujeito OSV e relativas de objeto com as ordens SOtiV e SOV. Esse fato confirma a hipótese de que as relativas do karitiana são RNIs, pois RNEs não permitem núcleos nessas posições. Por fim, oferecemos uma análise para as relativas do karitiana, na qual o deslocamento do núcleo seria uma operação intraoracional.

Há, contudo, questões remanescentes. Como dissemos, as orações relativas do karitiana seriam RNIs com movimento opcional do núcleo. ‘Opcional’ deve ser entendido aqui como não obrigatório para a gramaticalidade dessas construções. No entanto, sabemos que muitas operações consideradas opcionais (como o *scrambling*) têm na realidade funções especiais dentro das línguas. Podemos supor então que cada uma dessas ordens de constituintes deve possuir um estatuto diferenciado dentro do karitiana. A questão que se coloca agora é o que condiciona o emprego de cada uma delas.

Sobre isso, podemos apenas especular no momento. Se seguirmos a sugestão de Basilico (1996) de que o movimento do núcleo em RNIs seria análogo aos casos de *scrambling*, podemos conjecturar que o deslocamento do núcleo tem a mesma natureza dessa operação. Como é frequentemente reportado que o *scrambling* está relacionado a fatores como definitude/especificidade, estrutura da informação, animacidade, prosódia, etc. (veja DIESING, 1992; FANSELOW, 2010; KARIMI, 2003; ANTONYUK-YUDINA & MYKHAYLYK, 2013, entre outros), é possível que a posição do núcleo nas orações relativas do karitiana também esteja condicionada a esses elementos. Isso, contudo, só poderá ser verificado em uma nova coleta de dados que controle todos esses fatores.

## 6. REFERÊNCIAS

- Antonyuk-Yudina, S. & Mykhaylyk, R. (2013). Prosody of Scrambling. *Proceedings of NELS*, 40.
- Bhatt, R. (2002) The raising analysis of relative clauses: evidence from adjectival modification. *Natural Language Semantics* 10.
- Basilico, D. (1996). Head position and internally headed relative clauses. *Language*, 72 (3).
- Bianchi, V. (1999). *Consequences of antisymmetry: Headed relative clauses*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- Bodomo & Hiraiwa, K. (2010). Relativization in Dagaare and Its Typological Implications: Left-Headed But Internally-Headed. *Lingua*, 120 (4).
- Chomsky, N. (1977) On wh movement. In: Culicover, P.; Wasow, T. & Akmajian. *Formal syntax*. Nova Iorque: Academic Press.
- Cole, P. (1987). The structure of internally headed relative clauses. *Natural Language & Linguistic Theory*, 5 (2).

- Culy, C. (1990). *The syntax and semantics of internally-headed relative clauses*. Tese de doutorado, Universidade de Stanford.
- De Vries, M. (2002). *The syntax of relativization*. Utrecht: LOT.
- Diesing, M., & Jelinek, E. (1995). Distributing arguments. *Natural Language Semantics*, 3 (2).
- Diesing, Molly. (1992). *Indefinites*. Linguistic Inquiry Monographs. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Everett, C. (2006). *Gestural, perceptual and conceptual patterns in Karitiana*. Dissertação de doutorado, Rice University.
- Fanselow, G. (1990). Scrambling as NP-Movement. In: Grewendorf, G. & Sternefeld, W. (orgs.) *Scrambling and barriers*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins publishing company.
- \_\_\_\_\_ (2010). *Scrambling as formal movement*. In: Kučerová I. & Neeleman A (orgs.). *Contrasts and Positions in Information Structure*. Cambridge. Cambridge: Cambridge University Press.
- Galúcio, A. V. (2006). Relativização na língua Sakurabiat (Mekens). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas* 1.
- Gorbet, L. (1976). Diegueño relative clauses. In: *A grammar of diegueño nominals*. New York: Garland Pub.
- Hulsey, S. & Sauerland, U. (2006). Sorting out relative clauses. *Natural Language Semantics* 14.
- Karimi, S. (2003). On object positions, specificity, and scrambling in persian. In: Karimi, S. (org.). *Word order and scrambling*. Reino Unido: Blackwell Publishing.
- Kayne, R. (1994). *The antisymmetry of syntax*. Linguistic Inquiry Monographs.
- Labelle, M. (1990). Predication, wh-movement, and the development of relative clauses. *Language acquisition*, 1.
- Landin, D. (1984). An outline of the syntactic structure of Karitiana sentences. In: *Estudos sobre línguas Tupi do Brasil*. Ed. R. Dooley. Brasília: SIL.
- Munro, P. (1976). *Mojave syntax*. Nova Iorque: Garland Publishing.
- Moore, D. (2006). Cláusulas relativas no Gavião de Rondônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas* 1.

Rocha, I. (2011). *A Estrutura Argumental da Língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (2013). *Estrutura argumental dos verbos em orações subordinadas em karitiana: valência verbal e sua interação com núcleos funcionais de aspecto* (Relatório de bolsa apresentado à FAPESP). Universidade de São Paulo, ms.

Rodrigues, A. (2002). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 4ª edição.

Salanova, A. (2011). Relative clauses in Mëbengokre. In: *Subordination in Native South-American Languages*. Amsterdã: John Benjamins.

Schachter, P. (1973). Focus and relativization. *Language*, 49 (1).

Storto, L. & Vander-velden, F. (2005). Karitiana. In: Povos Indígenas do Brasil – Instituto Sócio-ambiental. Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karitiana>>. Acesso em: 6 de março de 2014.

Storto, L. (1999). *Aspects of a Karitiana Grammar*. Tese de doutorado. MIT, Estados Unidos da América.

\_\_\_\_\_. (2002). Algumas categorias funcionais em Karitiana. In: *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional de Grupos de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Tomo I. Brasília.

\_\_\_\_\_. (2013). Temporal and aspectual Interpretations in non-finite clauses. In: *Time and Tame in Language*. Cambridge Scholars Publishing.

Vivanco, K. & Pires, A. (2012). Aquisição de relativas de objeto no Português Brasileiro. In: *Anais do VIII ENAL / II EIAL Encontro Inter/Nacional sobre Aquisição da Linguagem*.

Vivanco, K. (2014) Orações relativas em karitiana: um estudo experimental. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

Williamson, J. (1987). An indefiniteness restriction for relative clauses in Lakota. In: Reuland, E. & TER MEULEN, A. (eds.). *The representation of (in) definiteness*. MIT Press.

## LISTA DE ABREVIACÕES

<v.e.>	vogal epentética;
<v.t.>	vogal temática
1	marca de concordância de 1ª pessoa
1s	pronome livre de 1ª pessoa singular
2	marca de concordância de 2ª pessoa
2s	pronome livre de 2ª pessoa singular
2p	pronome livre de 2ª pessoa plural
3	marca de concordância de 3ª pessoa
3s	pronome livre de 3ª pessoa singular
ADVZ	adverbializador
CAUS	causativizador
CFO	construção de foco do objeto
CON.ABS.	concordância absoluta de cópula
COP	cópula
DECL	modo declarativo
FUT	futuro
IMPERF	aspecto imperfectivo
INT.COP.	cópula interrogativa
NFUT	não futuro
OBL	oblíquo
OS <sub>ti</sub> V	ordem Objeto-Sujeito-Verbo com morfema de CFO
OSV	ordem Objeto-Sujeito-Verbo sem morfema de CFO
PAR	particípio
PASS	voz passiva
PERF	morfema aspectual perfectivo
QU	elemento qu-
RNE	relativa de núcleo externo
RNI	relativa de núcleo interno
SO <sub>ti</sub> V	ordem Sujeito-Objeto-Verbo com morfema de CFO
SOV	ordem Sujeito-Objeto-Verbo sem morfema de CFO
V	verbo
ADV	advérbio